

Empréstimo-ponte depende da adesão de dois países

Luciano Andrade — 19/5/88

Sérgio Rodrigues

Correspondente

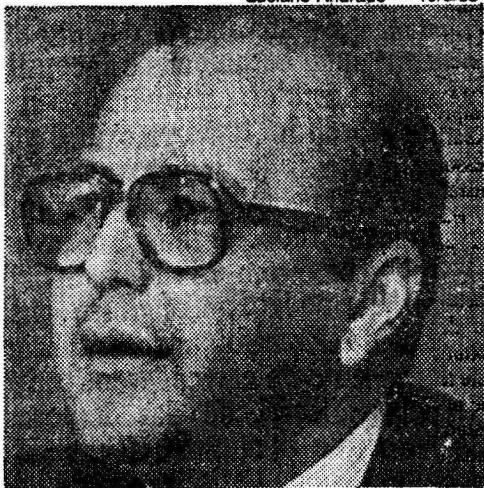
LONDRES — Falta apenas a adesão de dois países para que o Brasil obtenha o empréstimo-ponte de 500 milhões de dólares que busca junto aos bancos centrais dos países-membros do Clube de Paris. A informação foi divulgada ontem à tarde pelo ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, após encontrar-se com banqueiros e com seu colega britânico, Nigel Lawson. Afirmando que conversou com Lawson sobre o empréstimo-ponte, o ministro disse que "os ingleses vão nos apoiar nessa solicitação e talvez estejamos a alguns dias do anúncio oficial". No entanto a liberação do dinheiro, vinculado ao primeiro desembolso do FMI, não deve acontecer antes de outubro.

Além dessa informação sobre o empréstimo-ponte — que lhe foi transmitida pelo governador do Banco da Inglaterra, Robert Leigh-Pemberton, com quem se reuniu ontem à tarde — Maílson deixou Londres no início da noite, rumo a Paris, com outras razões de otimismo sobre uma boa recepção do Clube de Paris à proposta brasileira e esperando a adesão da maioria dos grandes bancos ingleses do pacote acertado mês passado em Washington.

"Não temos da parte do governo inglês nenhuma garantia concreta de que eles vão apoiar integralmente nossa proposta no Clube de Paris, nem foi esse nosso objetivo. Mas certamente ficou-nos a impressão de que contamos com a boa vontade e a simpatia do Tesouro inglês e do Bank of England", afirmou Maílson.

Em sua palestra para uma audiência de banqueiros, ontem de manhã, Maílson da Nóbrega foi precedido por "pronunciamentos muito positivos" de representantes do Fundo Monetário International (FMI), do Banco Mundial e do Banco da Inglaterra. O encontro não lhe rendeu nenhuma promessa de adesão, mas ele assegurou ter sabido pelo Lloyds Bank, um dos coordenadores dos credores ingleses, que "os encontros foram muito positivos" e que poucas horas depois da palestra "eles já haviam recebido cinco telefonemas com pedidos de informações adicionais" sobre o pacote.

Entre os quatro grandes bancos ingleses — com cujos presidentes jantou na noite de domingo



Maílson: "ingleses vão apoiar"

— o ministro da Fazenda mostrou-se otimista sobre a adesão de três: Lloyds, "que tem banco no Brasil", Midland, "associado ao Bamerindus", e Barclays, "associado ao BCB". O National Westminster, segundo ele, "é um banco que ainda tem muitas dúvidas, embora não tenha fechado a portaria sua participação".

Entre as informações que despertam desconfiança dos credores da dívida externa brasileira está a previsão de 600% para a inflação deste ano. "Tenho dito para eles que nossa política econômica é a possível diante das circunstâncias", declarou o ministro. "O ideal seria reduzir o déficit público a zero, mas isso não seria realista, não há ambiente para isso. Quatro por cento representam um grande esforço de evitar que a inflação chegue a 30%, 40%, 50% ao mês, como se previa no início do ano. O grande objetivo foi evitar a hiperinflação e preparar o caminho, aí sim, para uma redução substancial na inflação de 89."

Maílson da Nóbrega e sua equipe de negociadores foi ontem à noite para Paris. O roadshow brasileiro segue depois para Roma, Bonn e Frankfurt, antes de voltar sexta-feira a Londres "apenas para uma escala técnica", segundo o ministro. O FMI aprecia a proposta brasileira no dia 26 e o Clube de Paris, dia 28 deste mês.